RESISTÊNCIA ARTÍSTICA ENTRE CONTRADIÇÕES DA DITADURA MILITAR NO BRASIL

Matheus Passos [1]

Monique Bronzoni Damascena [2]

Resumo:

A arte proporciona novas interpretações da realidade tanto para o sujeito que a produz quanto para o que a aprecia, se tratando assim de um processo reflexivo entre a mediação da relação homem e natureza. A herança cultural presente na ditadura pode ser acessada até hoje, o que nos permite uma revisão crítica sobre o período, e isso é fruto do poder da arte daqueles que protagonizaram resistência ao regime militar. Partindo da perspectiva marxista sobre a categoria trabalho, nesta produção especificamente o trabalho artístico, o estudo objetiva elucidar a necessidade dos assistentes socias apreenderem a resistência artística presente no período da Ditadura Militar iniciada em 1964 no Brasil, que perdurou por 21 anos. Para o progresso deste trabalho foram usados como fonte de consulta a bibliografia disposta pela teoria social crítica abordadas pelas disciplinas do curso de Serviço Social, no que se refere as obras de Karl Marx e, também a produção de José Paulo Netto sobre o Serviço Social e a ditadura militar no Brasil. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se a bibliográfica, que se realiza em material já elaborado, sem necessitar recorrer aos fenômenos de forma empírica (OLIVEIRA, 2007). Utilizou-se, portanto, como fonte, as referências teóricas sugeridas pelas disciplinas. Como técnica, foi utilizado o fichamento. O método utilizado foi o dialético crítico, estruturado por Marx e retomado por Engels, para análise dos dados e da realidade derivada da questão social. Ao contrário do que possa aparentar a princípio, por conta da forte e violenta censura daqueles anos, não se trata de um período de avanço do conservadorismo na cultura, e sim de desenvolvimento paradoxal da mesma, já que a intenção dos detentores do poder repressivo, neste campo, era de dominação com o intuito de aprovação das elites intelectuais, (NETTO, 2005). É de relevante importância o conhecimento por parte dos assistentes sociais quanto a resistência artística pós-64 para fortalecer sua base teórico-prática aplicada nas relações com os usuários das políticas sociais. Superar um modo de produção explorador requer condições proporcionadas pelas próprias crises inerentes do sistema, mas também humanizar as relações sociais incentivando a autonomia dos sujeitos como humanos integrais, garantindo minimamente as necessidades básicas como a fome, do mesmo modo em que também se assegure o acesso às experiências artísticas. A arte pode contribuir à hegemonia conservadora já que sua matéria subjetiva pode ser produto dela, mas as contradições desta também são combustível de pensamento crítico.

Palavras-chave: SERVIÇO SOCIAL; DITADURA; ARTE

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

RESISTÊNCIA ARTÍSTICA ENTRE CONTRADIÇÕES DA DITADURA MILITAR NO BRASIL

[1] Aluno de graduação. matheuspassos@alunos.unipampa.edu.br. Autor principal

[2] Docente. moniquebronzonidamascena@gmail.com. Orientador

RESISTÊNCIA ARTÍSTICA ENTRE CONTRADIÇÕES DA DITADURA MILITAR NO BRASIL

1 INTRODUÇÃO

As necessidades artísticas do homem revelam em si inquietações sobre a história social e produção material de determinado período e conjuntura vivenciados pelo sujeito. A arte proporciona novas interpretações da realidade tanto para o sujeito que a produz quanto para o que a aprecia, se tratando assim de um processo reflexivo entre a mediação da relação homem e natureza, (MARX; ENGELS 2010). O que se sucede desta experiência são novos conhecimentos teóricos acerca do real, porém provenientes da materialidade em si.

A herança cultural presente na ditadura pode ser acessada até hoje, o que nos permite uma revisão crítica sobre o período, e isso é fruto do poder da arte daqueles que protagonizaram resistência ao regime militar. No entanto, dentre as relações já determinadas e formas de consciência geradas pelo desenvolvimento das forças produtivas, o ser social é condicionado a uma subjetividade mais inclinada à estrutura econômica da sociedade, (MARX, 2008). Nessa mesma lógica, a área de conhecimento em relação a arte como ferramenta de emancipação e resistência propositada pelo Serviço Social acaba um pouco débil, em comparação as demais, uma vez que os assistentes sociais fazem parte dos mesmos processos de trabalho do modo de produção capitalista. No intuito de "domínio do mundo da cultura" a pretensão da autocracia burguesa era de integrar a política cultural ao sentido global de suas políticas sociais, como suas políticas educacionais e de comunicação social. O que evidencia um projeto de classe direcionado pelo Estado dominado pela burguesia (NETTO, 2005).

Os anos do regime militar no Brasil se constituem de um período marcante de transformações societárias e marco do apogeu da autocracia burguesa, se estabelecendo a partir de um golpe à democracia, (NETTO, 2005). Nos período da ditadura militar de 64, etapa de poder concentrado e desenvolvimento das forças produtivas, as contradições se tornam bastante evidentes, o que nos permite uma reflexão crítica acerca dos processos de resistência presentes nestas décadas e destacar pontos a respeito da arte importantes para o conhecimento teórico do Serviço Social atual e para o desenvolvimento do projeto ético-político da categoria.

Partindo da perspectiva marxista sobre a categoria trabalho, nesta produção especificamente o trabalho artístico, o estudo objetiva elucidar a necessidade dos assistentes socias apreenderem a resistência artística presente no período da Ditadura Militar iniciada em 1964 no Brasil, que perdurou por 21 anos.

2 METODOLOGIA

Para o progresso deste trabalho foram usados como fonte de consulta a bibliografia disposta pela teoria social crítica abordadas pelas disciplinas do curso de Serviço Social, no que se refere as obras de Karl Marx e, também a produção de José Paulo Netto sobre o Serviço Social e a ditadura militar no Brasil.

Como metodologia de pesquisa, utilizou-se a bibliográfica, que se realiza em material já elaborado, sem necessitar recorrer aos fenômenos de forma empírica (OLIVEIRA, 2007). Utilizou-se, portanto, como fonte, as referências teóricas sugeridas pelas disciplinas. Como técnica, foi utilizado o fichamento. O método utilizado foi o dialético crítico, estruturado por Marx e retomado por Engels, para análise dos dados e da realidade derivada da questão social.

Compreendendo questão social como a luta de classes, razão do pauperismo da população trabalhadora e resultante do avanço industrial. (CASTELL, 1998).

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A contra-revolução preventiva, incentivada e patrocinada pela hegemonia norte-americana, em razão de freiar o desenvolvimento de movimentos de libertação nacional e social que se ampliavam nos chamados países de Terceiro Mundo, concretizou a autocracia burguesa a partir do golpe de 64, adequando o país a ordem internacional do capital e potencializando ao máximo o campo de aplicação da corrente teórica liberal.

No que se refere a arte e toda a produção cultural da época da ditadura militar, a lógica do capital incidia sobre estas com seus parâmetros afim de absorver a intelectualidade a favor do regime. Ao contrário do que possa aparentar a princípio, por conta da forte e violenta censura daqueles anos, não se trata de um período de avanço do conservadorismo na cultura, e sim de desenvolvimento paradoxal da mesma, já que a intenção dos detentores do poder repressivo, neste campo, era de dominação com o intuito de aprovação das elites intelectuais, (NETTO, 2005).

Nesta ludibriação dos condutores da crítica, ou seja, aqueles que tinham poder financeiro suficiente para seu desenvolvimento teórico, através do acesso a limitada fronteira intelectual, Comblin indica que: "No Estado de Segurança Nacional, não apenas o poder conferido pela cultura não é reprimido, mas é desenvolvido e plenamente utilizado. A única condição é que esse poder seja submisso ao Poder Nacional, com vistas à Segurança Nacional" (COMBLIN 1978, p. 239 apud NETTO, 2005 p. 71). Se trata de um Estado manipulador, que estimula a cultura como modo integração na busca de uma hegemonia, porém a de subjetividade conservadora, estabelecendo ainda mais condições de cerceamento da autonomia dos sujeitos.

Na medida em que a política cultural do regime falhava em seu objetivo de implementação frente à correntes democráticas e progressistas, por conta de seu desenvolvimento tardio em relação as outras esferas societárias, os bloqueios desta relação abriam um campo propício para a autocrítica dos sujeitos, incluindo matrizes críticas da tradição marxista. Logo, para o conhecimento do despertar crítico da subjetividade dos sujeitos da época, é preciso conhecer a produção material da vida e seus conflitos. Estes entraves proporcionados pela contradição, abrem um campo propício a rupturas e revolução social, (MARX, 2008).

Dentre as áreas de desenvolvimento artístico do período, é importante enfatizar um maior cuidado com o processo histórico-social da América Latina pouco tratado pelos brasileiros até a época; acúmulo crítico na arte proveniente dos tempos pré-64 somados a efervescência do trauma gerado pelo golpe; o amadurecimento da ficção; a expressão cênica alcançando novas etapas estéticas e técnicas; toda a dimensão estética e cultural que a música popular adquire; e os novos patamares de crítica literária desenvolvidos.

Dos movimentos artísticos que se desenvolvem, um destaque relevante é o movimento marginalia ou cultura marginal, inserido nos debates brasileiros entre o final de 1968 até meados da década de setenta. Sintetizado pela expressão "Seja marginal, seja herói" na obra do artista Hélio Oiticica, o movimento trazia uma lógica de transgressão dos valores burgueses ao associar a imagem dos sujeitos marginalizados e interpretados pelo senso comum como malandros à figura de um herói, alguém que desafia a ordem opressora vigente. Como podemos visualizar na imagem abaixo (figura 1):

Figura 1. Seja marginal, seja herói (1968).



Fonte: Joaquim Livraria e Sebo (2018)

O homem retratado na imagem pelo artista se tratava do traficante conhecido como Cara-de-Cavalo, executado por policiais do esquadrão da morte carioca, em outubro de 1964. Em 1969, os Mutantes, Gilberto Gil e Caetano Veloso durante um espetáculo da temporada de apresentações no Rio de Janeiro, penduraram uma bandeira com a frase da obra de Oiticica (figura 1). Este fora um ponto alto que culminou no exílio de Gil e Caetano na Inglaterra. Paradoxalmente à censura daquela noite, a atitude política e artística daquele espetáculo permaneceu na subjetividade dos sujeitos da época, o alcance de uma ação se fixou para sempre na história da sociedade brasileira como forma de resistência.

Esta compreensão da ação artística, é entendida no Serviço Social como fomento ao pensamento crítico e potencialização da atitude política, justamente no compreendimento do projeto ético-político presente na socialização do conhecimento e potencialização da emancipação humana, ainda que o tema da arte seja atualmente secundarizado entre as produções teóricas acadêmicas da categoria em razão da lógica econômica, (SCHERER, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ancorado na base teórica marxista e fundamentado no material disponível por Netto, foi possível identificar importantes pontos referentes ao período da ditadura militar de 64, concomitantemente a reflexão sobre os mesmos nos revela a arte não só como parte da luta dos sujeitos violentados nas décadas de opressão, mas como questão fundamental na compreensão dos processos de resistência e contra-hegemonia. Este movimento por parte de quem resistia evidencia a questão social, nos proporcionando material histórico de medidas anticapitalistas.

As ferramentas artísticas de intervenção na realidade social do período do regime podem e devem ser usadas e incentivadas pelos profissionais de Serviço Social, pois sua eficácia se comprova no período de maior cerceamento da liberdade na história do país. Comprometidos com o projeto ético-político da profissão, desenvolvido e amadurecido pelos processos de resistência provenientes da mesma era abordada neste trabalho.

É de relevante importância o conhecimento por parte dos assistentes sociais quanto a resistência artística pós-64 para fortalecer sua base teórico-prática aplicada nas relações com os usuários das políticas sociais. Superar um modo de produção explorador requer condições proporcionadas pelas próprias crises inerentes do sistema, mas também humanizar as relações sociais incentivando a autonomia dos sujeitos como humanos integrais, garantindo minimamente as necessidades básicas como a fome, do mesmo modo em que também se assegure o acesso às experiências artísticas. O conhecimento humano à partir da arte está na interlocução do movimento da própria sociedade entre clivagens e tensões do modo social e este modo é determinado pela própria produção material vigente. A arte pode contribuir à hegemonia conservadora já que sua matéria subjetiva pode ser produto dela, mas as contradições desta também são combustível de pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

BLOG JOAQUIM LIVRARIA. **"Seja Marginal, Seja Herói".** Disponível em: https://joaquimlivraria.wordpress.com/2012/06/28/seja-marginal-seja-heroi/ Acesso em: 16 de setembro de 2018.

CASTELL, Robert. **As metamorfoses da questão social.** Uma crônica do salário. 6. ed. Petrópolis, 1998.

ENGELS, Friedrich. **A Dialética da Natureza.** Editora Leitura, 1968. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1882/dialetica/index.htm

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social:** uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, Arte e Literatura.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SCHERER, Giovane Antonio. **Serviço social e arte:** juventudes e direitos humanos em cena. São Paulo: Cortez, 2013.

SITE MEMÓRIAS DA DITADURA. **Seja marginal, seja herói, de Hélio Oiticica.** Disponível em: http://memoriasdaditadura.org.br/obras/seja-marginal-seja-heroi-1968-de-helio-oiticica/index.html Acesso em: 16 de setembro de 2018.